



Na invasão da 214 Sul, os meninos capinam de verdade e de mentira. Eles quase não têm brinquedos, mas nem por isso deixam de fantasiar sem saber ao certo o que está acontecendo ao redor deles

Faz-de-conta, mas é de verdade

As invasões são cheias de meninos que brincam, trabalham, sonham e até participam do tráfico de drogas

Cristina Ávila
Jefferson Rudy (fotos)
Da equipe do **Correio**

Às vezes o pai pensa que o menino está na escola, no supermercado, empacotando mercadoria para conseguir um trocado. Tem 10 anos. Foge. Vai passar merla na boca de fumo, se rende ao assédio da vizinha maloqueira. Traficante da pesada. A invasão é cheia de meninos. Pequenos, grandes e ainda nas barrigas das mães-meninas.

As invasões são uma repetição de paredes remendadas, lonas rasgadas, papelão. Gente encardida. Lama fedorenta. Insetos asquerosos. Mas abrigam pessoas. Famílias. Crianças. Muitas crianças. Bochechudas, sorridentes, felizes, assustadas, traumatizadas, analfabetas, talentosas, arteiras, manhosas.

A maloqueira tem amigo presidiário, que já matou gente até dentro da cadeia. O pai do menino mora no Recanto das Emas. Vive perigosamente e por isso não se identifica. Tem que ficar anônimo para não irritar a traficante que quer roubar o seu filho. O menino já levou duas surras por causa da merla. Uma da mãe, outra do pai. Tentaram conversar primeiro. Mostrar que ele enche o bolso com o dinheiro da droga mas talvez não atravessasse a rua. A polícia pega. Para a polícia não pegar, cinta e vara, peia.

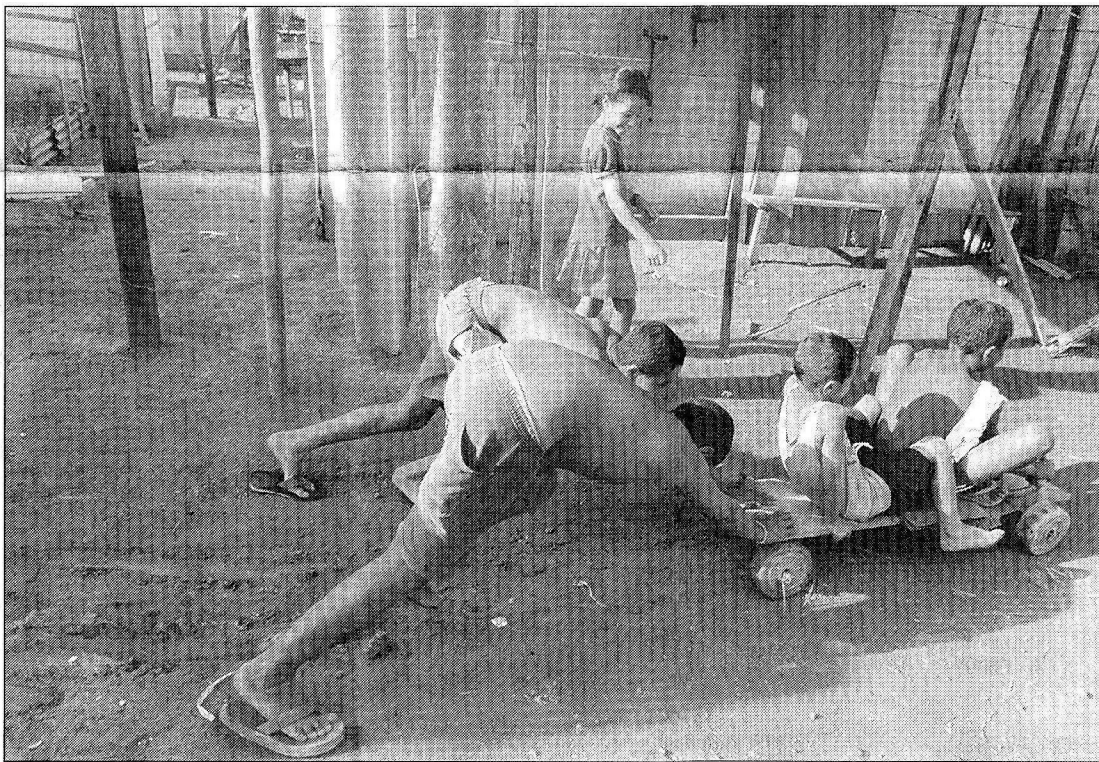
O pai conta que a maloqueira

vai na casa da família. Fica aos cochichos com o menino. Chegou-se sorrateira. Agora faz a família refém de ameaças que não precisam ser ditas. É fácil juntar bandidos para cumprir juras. Com um lata de merla, eles se lambuzam. Fazem a bagaceira e ainda ficam gratos. Ninguém abre o bico. Resta só tentar salvar o filho com conselhos.

MEDO DE TIRO

A nenê Liliane Paula tem dois aninhos, não largou as fraldas e já sabe disso. É só ouvir uma bombinha explodindo que corre para casa, pensando que é tiro. Entra no barraco e se atira no chão. Rosto coladinho no colchão ou no barro mesmo, perto da porta. E não precisa esperar a noite para começar o tiroteio, na sexta-feira às 17h as balas começaram a cruzar a quadra 519, em Samambaia.

A mãe, Andréia Batista Rodrigues, 25 anos, já tirou a cama para o colchão ficar mais pertinho do chão. Quando os tiros começam, Liliane conversa sussurrando. Fica quietinha, chorando. “Com a mãozinha no peito, ela ora. Jesus, nos proteja”, conta Andréia. “São noites de tortura. Minha filhinha fica tremendo. O coraçãozinho quase sai do peito. Quando é noite, ela não deixa que acenda a luz, pede para apagar. Mamãe, você escutou? — me pergunta.” Depois que acaba o tiroteio, a mãe levanta e faz água com açúcar para fazer a menini-



Os quatro amigos da invasão de Samambaia, construíram um carrinho com pedaços de tábuas

nha dormir.

No meio de tanta violência na 519, Jonas dos Santos, 12 anos, sonha, abraçado a um caderno de desenhos. Ele vive com os olhos no vazio, imaginando uma vida de sucesso. Não liga muito para brinquedos, prefere canetinhas. Quando encontra tintas na rua, sai nas carreiras, desenhando as madeirites da favela. “Quero ser desenhista, mas ninguém sabe o destino da gente. Quando crescer vou ter uma casa e vou encher de desenhos, até os muros.”

Rita, 16, reclama que o irmão devora canetinhas. “Ele gasta muito. Acaba tudo.” A pobreza, então, cria fantasia em preto-e-branco. Mas o pai dele, que ven-

de balinhas em parada de ônibus no Plano Piloto, o incentiva. “Meu pai é bom. Fala para eu não desistir. Eu queria fazer casas bonitas para as pessoas do Pará. Eu gosto de lá. Queria ajudar. As pessoas moram em casas de palha, e é ruim porque às vezes molha”, diz Jonas, que mora há menos de um ano em Samambaia.

CARRO DE TÁBUA

Jonas também gostava da bicicleta. “Mas o pai vendeu, para comprar alimentos.” Então, quando não está desenhando, vai correr na rua com outros meninos. Eles construíram um carrinho com pedaço de tábuas, quatro rodinhas de uma motozinha de plástico, uma direção de Fusca e no lugar de sentar, pedaços de tapetes de borracha. E voam, uns empurrando os outros no acostamento da BR-060, onde transitam enormes caçambas e carros que não respeitam limites de velocidade.

Os amigos são Jardelson da

Silva, 10, e Fábio Barbosa Lemos — que não sabe direito, mas acha que tem sete anos, e está na primeira série. Três anos mais velho, Jardelson também fez a primeira série no Caic de Samambaia, mas no ano passado teve que abandonar as aulas. “Minha mãe ficou doente. Vou estudar no outro ano”, justifica. Cabeça raspadinha, Fábio não pára quieto. Quer contar todas as brincadeiras que inventam.

Os jogos de bolinha, as peraltices. Todas as tardes, eles somem nos labirintos de barracos.

A escola é o menos importante. Nem Jonas, com seu talento de artista, vai muito bem. Em português, é bom. Nove, até

dez. Ciências, mais ou menos. Cinco, seis. Mas a matemática é terrível. “Nunca tirei dez. É cinco, quatro, dois. Umas coisas entram na minha cabeça. Então, vem uma prova boa, vem outra ruim. E o resultado...” Ele não pode mostrar se é bom de texto

mesmo. “Quando olho, tem um aqui, outro ali. Guardo, mas some.” Só os desenhos não se perdem nunca.

As crianças quase não têm brinquedos nas invasões. Às vezes alguém doa algum usado. Bicicletas pequeninhas que eles andam até ficarem grandes. Mas, geralmente, divertem-se inventando. Cavando buracos com enxada e pedaços de pau. Brincando de pique-pegas no meio do lixo, pulando a água imunda que passa entre os barracos. Construindo coisas.

Mateus, 5 anos, reproduz em miniaturas o mundo que vê em volta. Vai juntando um pauzinho do lado do outro e formando uma cidade de barracos, enterrados no barro. “Vou derrubar esse aqui. Está feio”, aponta. Passa a mão por cima e os pauzinhos caem. Ele mora um pouco em Irecê, na Bahia, um pouco em Brasília na invasão da 214 Norte. Por causa do vaivém da mãe, seus irmãos nunca estudaram.

A irmã dele, Indiara Rocha Dias, foi para a escola com 14 anos. Ela diz que sabe ler, mas não prova. “Não gosto de ler para ninguém”, desconfia. Aos 16 anos e uma barriga de sete meses de gravidez, fala que nunca se interessou pela escola.

A mãe dos dois é Deusa Célia, 33. Ela tem seis filhos. “Nenhum estuda”, comenta com naturalidade. A filha Naiade, 7, sabe por quê. “Eu ainda não estou estudando porque a gente vai para a Bahia.” No final do ano, a família parte. Vai levar roupas usadas para vender. Quando as peças acabarem, volta para pedir mais. Viajam para o Nordeste com passagens dadas pela assistência social e voltam de carona.

Os meninos de invasões quase não falam sobre seus desejos. É difícil saber se eles têm vontades, sonhos. Se pensam como Jonas, que conversa com o pai sobre o futuro. E sobre a mesa bonita de desenho onde gostaria de apoiar seus cadernos. Mas uma resposta sempre vem rápido, na ponta da língua. O maior desejo deles é ter uma casa de verdade.

